

ISSN 0870-4147

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XXII



COIMBRA/1985

V Á R I A

JUBILAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO DOUTOR SALVADOR DIAS ARNAUT

1. Em 15 de Outubro de 1984 ocorreu a jubilação do Doutor Salvador Dias Arnaut. Ao registar a notícia, a *R. P. H.*, que tanto tem sido honrada pela sua colaboração, evoca, pelo signatário destas linhas, a personalidade do Mestre, do Amigo, do Homem e do Conviva na unidade de trabalho e de devoção do Grupo de História e da Faculdade de Letras, onde exerce de modo diversificado e actuante, ao longo de mais de três décadas, um magistério fecundo e peculiar. Uma vida, a duração de uma geração, a ensinar gerações de discípulos, muitos deles permanecendo no tempo muito mais do que isso: Amigos. E tanto mais, talvez, quanto mais exigentemente responsabilizados. Lembro-me bem, quando comecei a ser seu aluno, da «intimação» orientadora: «é preciso tratar Fernão Lopes por tu». Familiaridade que talvez o Mestre se não lembre de ter prescrito, mas que contribuiu, por certo, para ter a honra de escrever esta crónica, dando-me oportunidade a seguir, já de longe, a imaginação do jovem que o escutava na cadeira de História de Portugal (Medieval). Os incitamentos pedagógicos são desabrochadores, não estioladores, de florações.

Para além desta disciplina, o Doutor Salvador Dias Arnaut leccionou uma diversidade de cadeiras. Duas temáticas, porém, lhe foram queridas: a da referida História de Portugal e a da História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (com a História do Brasil). Sobretudo, quanto ao ensino, a problemática dos Descobrimentos e da Expansão, que regeu até jubilar-se.

Semelhante empenhamento traduziu-se, para além das tarefas docentes e da orientação do Instituto de Estudos Ultramarinos, numa série de intervenções ligadas ao Ultramar, dentro ou fora do âmbito da Universidade. Actividades de intervenção na sociedade,

coetâneas do exercício de funções docentes e de investigação, a patentear o seu amor pátrio que, na expressão do Doutor Miranda Barbosa, em discurso proferido na Sala dos Capelos ao tempo da imposição das insígnias doutorais, «estendeu-o apaixonadamente — de Coimbra, onde formou o seu espírito, às ilhas do Mar Oceano, onde casou, à ilha de Moçambique, onde a carreira militar levava um seu avô e a sua mãe nascera, e a todas as terras repartidas pelo mundo em que se expandiu a nação portuguesa».

2. O ensino implica a orientação dos discípulos. Todos quantos o procuraram (e procuram) conhecem bem a sua disponibilidade, humanidade e sensibilidade aos problemas dos outros. Todos: alunos, colegas, funcionários. Amigos. De dentro e de fora da Universidade. Sensibilidade bem espelhada já, por exemplo, numa das primeiras grandes palestras que proferiu (1940) sobre *António Nobre e a paisagem de Coimbra*, onde revelou um «sentimento entranhado da natureza e da vida, em toda a plenitude, amor a tudo quanto respeita aos horizontes da tradição coimbrã, sensibilidade delicadamente receptiva aos valores estéticos, entendimento atento às mais variadas formas da cultura» (Miranda Barbosa).

Não admira, por isso, que mesmo antes de se matricular na Faculdade de Letras, depois de se licenciar em Medicina, tivesse revelado a propensão literária e histórica que depois cultivou como médico e como professor universitário.

3. A bibliografia do Doutor Salvador Dias Arnaut atinge mais de centena e meia de títulos. Os mais antigos encabeçam pequenas composições elaboradas quando tinha apenas 13 anos (1927). Duas delas, sintomaticamente denominadas *O meu Pastor* e *O Rio Dueça*, anunciavam o apego ao local e ao regional que a vida futura fará desenvolver quer antropogeograficamente, quando estudante de Geografia Humana (*Região do Rabaçal. A terra e o homem*), quer historiograficamente, desde 1930 até hoje.

Com efeito, se o primeiro estudo que o autor considera digno de figurar no currículo académico de historiador está datado do tempo da comemoração do oitavo centenário do concelho de Penela, que ele próprio, ainda estudante, havia sugerido (*Penela. Notas acerca de um centenário*, Coimbra, 1937), já desde 1930 e

anos seguintes vinha publicando artigos e notícias de carácter histórico sobre Peneia e sua região, ao lado de narrativas e poesias.

O ensaio de 1937 foi seguido de *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Trabalho seguro, de minuciosa análise, a recordar o futuro historiador, definindo com precisão o que geográfica e historicamente se devia entender por Ladeia. Conclusões que continuam válidas, excepto no que respeita ao limite meridional, como explicita em *Novas achegas para a história de Ladeia*.

Em Ladeia existiam, no século xn, três defesas contra a investida dos mouros. Uma delas, o castelo de Germanelo, elevado a sede de concelho em 1142-44. A conquista de Santarém, em 1147, fez perder-lhe a importância que detinha. Através de diversos trabalhos, o Doutor Salvador Dias Arnaut reabilitou-lhe o valor histórico. Mas fez mais. Para além da escrita, o castelo, «ninho de águia a coroar um monte cónico» de «grande interesse arqueológico e miradouro admirável», como escreveu (*Penela. História e Arte*), foi revivificado pelo Doutor Salvador Dias Arnaut, depois de o ter adquirido, procedido a escavações e reconstruído hipoteticamente a muralha de norte, que se avista de longe, a perpetuar o esforço de uma vida que dedicou a edificar a história e arqueologia medieval da região onde nasceu. História continuada e completada por diversos estudos que necessariamente foram surgindo.

O gosto pela história local e regional, evidenciado ainda pela preciosa colecção de monografias locais que possui, foi cultivado dentro duma perspectiva nacional, dilatando-se o seu interesse, sobretudo o do ensino, até aos confins do Ultramar, sendo a sua participação na crónica *Historiografia nacional e estrangeira*, publicada nesta *R. P. H.* (m), a que infelizmente o editor não deu continuação, um indício desse enquadramento. Num momento em que a história local e regional parece estar a despertar um novo interesse, revolvendo-se as raízes da existência histórica na busca de um novo sentido da «Mestra da Vida», dos gigantes que suportam os presentes, na velha imagem do século xn de intenção progressista, é bom recordar este esforço do Doutor Salvador Dias Arnaut, defensor activo e obstinado do património cultural no mais diversificado sentido da expressão.

Obra historiográfica de fôlego, diferente, mas solidária com a

historia local e regional, numa linha metodológica já anunciada em *Ladeia e Ladera* (1939), encontramos-a no tratamento da problemática da crise nacional dos fins do século XIV, onde se inserem as dissertações de licenciatura e doutoramento, para além de uma série de preciosos pequenos estudos.

A dissertação de licenciatura, versando *A batalha de Trancoso*, foi publicada em 1951 (defendida em 1947), havendo sido galar-doadada com o prémio Alexandre Herculano (SNI). Para além do estudo e do significado da batalha, servindo-se de uma cerrada crítica de fontes, determinou com muita aproximação a sua data, o que lhe permitiu «compreender melhor a batalha, completar o plano de ataque do rei castelhano, inserir a batalha naquilo a que chamou *A campanha de Aljubarrota*». Ao mesmo tempo enunciou uma tese, inovadora, que depois desenvolveu na dissertação de doutoramento, *A sucessão de D. Fernando*, primeiro volume de *A crise nacional dos fins do século XIV* (1960).

Esta obra consolida, na historiografia da crise dos finais do século XIV, uma verdadeira viragem, como o próprio autor acentua. Já no tempo de D. Fernando o candidato do povo era o infante D. João, filho de D. Pedro e de D. Inês de Castro, e não o Mestre de Avis. A revolta de Dezembro de 1383, que este encabeça, é feita em nome do infante D. João, ao tempo preso em Castela. Uma vez morto o infante, já depois de o Mestre de Avis ser rei dos portugueses, o seu partido confere a dignidade de rei de Portugal ao irmão D. Dinis, constituindo-se então um governo no exílio, cuja causa ficou definitivamente perdida com as tréguas de 1402, ocorridas pouco antes da sua morte.

Salvador Dias Arnaut põe em evidência, assim, o peso político atribuído não apenas ao Mestre de Avis, como até então se fazia, mas também aos meios irmãos, filhos de D. Pedro e de D. Inês de Castro.

A dissertação, com páginas redigidas por quem tem formação de médico (formação que lhe possibilitou a publicação de *Súmula histórica da propedêutica cirúrgica na Faculdade de Medicina* (1943), de *Notícia histórica da cirurgia coimbrã* (1943, de colaboração) e de *Flechas com «erva» na guerra entre Portugal e Castela no fim do século XIV*, coloca em cena os principais responsáveis políticos de então, sendo traçadas, com mestria, as biografias dos infantes D. João e D. Dinis.

Não obstante o teor de algumas páginas (sobretudo de certas notas) e o precioso mapa que publica em *A batalha de Trancoso*, alguns críticos têm chamado a atenção para a necessidade de serem explicitadas as bases económicas e sociais das posições políticas que surgiram. (Mas não têm posto em evidência a preciosa documentação que publica, susceptível de ser aproveitada para a história do poder local). Tarefa que na intenção do autor, certamente, estaria reservada ao volume seguinte que projectou. O novo volume de *A crise* trataria, com efeito, da revolta do Mestre de Avis, como deixa entender na página 174, nota 1, do primeiro volume, e explicitamente afirmou em *Os documentos do Mestre de Avis. Breves notas* (1979), donde consta um elenco temático do segundo volume de *A crise nacional dos fins do século XIV*.

O conhecimento profundo da época permitiu-lhe ainda a redacção de múltiplos trabalhos, de conteúdo diversificado, desde *A arte de comer em Portugal na Idade Média* aos estudos dos amores de D. Pedro e D. Inês.

4. Salvador Dias Arnaut fez a instrução primária no concelho natal (Penela). Mas em Coimbra cursou o ensino secundário e universitário. Em Coimbra, portanto, se formou, aprendendo desde jovem a amá-la nos seus monumentos, nas suas tradições, na sua paisagem. Paisagens coimbrãs que são «paisagens da sua própria alma» (Miranda Barbosa), como reflectem os estudos sobre António Nobre ou as meditações no *Penedo da Meditação*. Tradições e monumentos cujas investigações foram divulgadas em artigos, lições e palestras.

O estudo dos amores de D. Inês e de D. Pedro, tragicamente vividos em Coimbra e com repercussões nacionais e além-fronteiras, constituíram uma das suas paixões historiográficas, vinda, pelo cruzamento das linhas do poeta e do historiador, do homem sensível à dor de todos — grandes, meios e pequenos, na tríade aristotélica em uso no tempo de Fernão Lopes —, do amante do local com transcendência nacional.

Outra das suas paixões foi a Universidade, a Faculdade de Letras, o Grupo de História, onde viveu e conviveu com todos, independentemente de credos, o que só por si justificaria os altos cargos que desempenhou, quer de direcção e gestão (Subdirector da Facul-

dade), quer de representação (Senado, Conselho Científico). E tão apaixonadamente viveu e conviveu que junto à Universidade, na Couraça de Lisboa, na varanda debruçada sobre os sineiros inesianos que sempre esperançosamente verdejaram a sua memória prodigiosa, colocou os seus livros, a sua habitação. Daqui e da contígua paisagem do Jardim Botânico entrou-lhe pelas janelas da alma, certamente, muito do que historiograficamente concebeu e existencialmente viveu, cujo programa, abarcando muitos mundos, se pode resumir nestas palavras, usando da conclusão de uma das suas últimas comunicações sobre as consequências políticas dos amores de Pedro e Inês : «o homem, a mulher, a vida, a morte, o amor». Palavras que estilisticamente se recusou a ligar entre si. Mas palavras que, afinal, nos unem, comungando no banquete da amizade que tanto gostava de servir. Que o seu exemplo, exercido agora em novo quadro formal imposto pela jubilação, possa florescer nas primaveras renovadas dos seus discípulos. Bem haja!

ANTÓNIO DE OLIVEIRA